


Após sofrer um AVC, o autor (aqui com Kate) concluiu que a sorte pode ser a única explicação para o que acontece na vida – ou no amor.

Todos deveriam chegar perto da morte pelo menos uma vez na vida

# Nas mãos do ACASO

POR LAWRENCE GOODMAN



Minha namorada, Kate, e eu estamos passeando de bicicleta na cidadezinha de Hyde Park, no norte do Estado de Nova York, o último refúgio de Franklin Roosevelt. É uma viagem que planejei às pressas, pois Kate me convenceu de que eu precisava de um descanso da correria em Manhattan.

Após o passeio, sinto-me um pouco cansado e deito-me na grama. Ao me levantar, tenho uma tonteira.

- Minha cabeça está leve - digo a Kate, o campo de visão oscilando.

- O quê? - pergunta ela.

Repito e então percebo que minha fala está ininteligível, como uma gravação arrastada. Estranho - meu braço esquerdo está dormente. Tento apertá-lo, mas não consigo tocá-lo.

Começo a caminhar em círculos, murmurando.

- Lawrence, você está bem? - grita Kate. - O que está acontecendo?

Minha visão fica cada vez mais turva, tudo à volta começa a embaçar. Inclino-me para o lado, meus joelhos se dobram e desmaio. Quando recobro a consciência, cinco minutos depois, estou cercado pelos socorristas.

**U**MA HORA após chegar ao hospital, estou recuperado. Os médicos acham que foi desidratação. Digo-lhes que estava tomando litros de água. Fazem uma tomografia computadorizada, nada encontram e me mandam para casa. Isso acontece, dizem.

Apenas para me certificar, vou a um neurologista na cidade de Nova York que conclui que sofri uma enxaqueca muito forte. Isso não me convence, pois quase nunca sinto dor de cabeça.

Então o médico solicita uma ressonância magnética. Dias depois ele me telefona com os resultados: "Você teve um AVC."

Reajo com calma. Um acidente vascular cerebral (AVC) pode ser grave para a maioria das pessoas,

mas eu tenho 28 anos. Acho que não há razão para me preocupar. Isso acontece.

Não, informa o neurologista quando volto ao consultório, isso não acontece simplesmente. Trata-se de um problema sério e que pode se repetir. Ele me encaminha a um especialista.

No princípio de agosto, Kate e eu consultamos o Dr. J.P. Mohr, do Centro Médico Presbiteriano de Colúmbia, neurologista de fama internacional, especialista em AVCs em jovens. Mohr coloca minha ressonância magnética no quadro luminoso. "A maioria dos AVCs ocorre porque um coágulo sanguíneo fica preso num dos vasos do cérebro", explica. "O sangue não consegue chegar às células, que, privadas de oxigênio, morrem."

Mohr aponta para a mancha branca e brilhante no lado direito de uma das imagens da ressonância, perto do ouvido. "Esta é a cicatriz deixada pelo seu AVC", diz ele.

Olho para o ponto indicado. Todas aquelas células cerebrais mortas para sempre! O dano é mínimo, se comparado à maior parte dos AVCs. Aparentemente, outros neurônios compensaram a falta dos companheiros mortos, motivo pelo qual eu estava bem uma hora depois.

Exames posteriores revelam que tenho um buraco no coração. Estava lá sem que eu soubesse, desde que nasci. Com dois milímetros de espessura, a abertura situa-se no meio da parede entre as câmaras superiores do coração. O coágulo sanguíneo

que provocou o AVC passou da câmara superior direita para a esquerda e depois seguiu para o cérebro.

Mohr me submete a um tratamento com anticoagulantes para evitar que mais coágulos se formem. Enquanto isso, afirma, posso ter vida normal, ficar bebendo até tarde e mesmo praticar *jogging*.

pensar em casamento e morte ao mesmo tempo.

Dois meses depois do AVC, Kate e eu precisamos decidir meu tratamento. Eu poderia tomar anticoagulantes pelo resto da vida, mas os riscos são grandes: hemorragia interna espontânea, sangramento incessante caso eu sofra um corte profundo. A

## Não consigo pensar em **casamento e morte** ao mesmo tempo.

Isso, porém, não me consola. Quando você tem 20 e poucos anos, pensa na morte como algo muito distante. Agora, ela está dentro de mim. Desenvolvi um senso de mortalidade típico dos idosos.

**E** U PASSARIA as semanas seguintes buscando opções de tratamento. Mas estou perturbado. Em dois meses Kate vai fazer pós-graduação em Filadélfia. E quer saber se irei com ela.

Nosso relacionamento vem tendo altos e baixos, e isso me soa como um ultimato. Kate nega. Mas, se eu não assumir um compromisso, diz, terá de começar a construir uma vida sem mim.

Embora morra de medo de perder Kate, fico aterrorizado também com a alternativa: o casamento. Digo-lhe que prefiro conversar sobre Filadélfia mais tarde. Estou doente. Será que ela não entende? Não consigo

alternativa é uma cirurgia cardíaca aberta. O cirurgião vai fechar a brecha no meu coração. Os riscos são relativamente pequenos para alguém na minha idade.

Optamos por esse caminho, mas não me acalmo. Ao contrário, começo a nos torturar até o limite.

- Vão me matar - digo a Kate.

- Não vão matar você - retruca ela. - Seu coração vai ficar parado somente o tempo necessário para que o operem. Depois vão fazê-lo voltar a bater.

- E o que a faz ter tanta certeza de que vão conseguir me ressuscitar?

- Por favor - pede Kate, a voz falhando. - Você vai viver e ficar bom.

- Nunca se sabe. Assim que os cirurgiões começarem a sugar meu sangue e os órgãos forem parando aos poucos, meu cérebro vai morrer...

Kate está aos prantos.

- Estou com você, lembra? - diz ela. - E sinto tudo isso também.

Ela tem razão. Estou exigindo que

seja condescendente com as minhas ansiedades e que se mantenha calma e racional, aconteça o que acontecer. Não é justo.

No entanto, até agora há algo que não consigo entender sobre minha doença: por quê? Como acontece com todo o mundo, diversos coágulos se formaram em meu corpo des-

centímetros da cama e me viro em sua direção. O peito parece que vai se rasgar, mas consigo me virar. Ela me ajeita e adormeço.

Conheço Kate há algum tempo como amante e amiga, a melhor delas. Mesmo assim, é diferente. No momento, sinto-me como uma criança à sua frente, mas com a apreciação de

## Se o coágulo tivesse parado em outro ponto, poderia ter me matado.

de o meu nascimento. Durante todo esse tempo, nenhum passou pela abertura. Então, por que agora?

Os médicos dão poucas respostas. É uma questão de sorte e casualidade, o que a ciência nunca pode explicar por completo. Em suma, o acaso enviou aquele coágulo através da passagem existente no meu coração, e também o acaso determinou onde ele ia se instalar. Se tivesse parado em alguns outros pontos do cérebro, poderia ter me matado.

**A**CIRURGIA transcorre bem e, no dia seguinte, sou transferido para a unidade de recuperação cardíaca. Como estou fraco! Acordo de um cochilo e não consigo achar forças para me virar de lado. Faço um sinal para Kate, que estava lendo enquanto eu dormia. Ela se aproxima de mim e estende os braços. Eu os seguro e puxo. Meu tronco se ergue alguns

um adulto do quanto ela é constante e do que está fazendo por mim.

Deixo o hospital cerca de uma semana depois. É um momento de alegria. Os médicos me recomendaram caminhar, aumentando o percurso a cada dia. Monitorizo meu corpo enquanto caminho. Será que o coração está muito acelerado? Parece que meu corpo pertence a outra pessoa e que sou um mero observador. Então dou mais valor ainda quando o percebo como meu novamente.

Sinto-me grato a Kate, que permaneceu à minha cabeceira enquanto estive no hospital. Quando as cordas que sustentam minha vida se romperam, vi com maior clareza a quais delas dava mais valor. Sei que tudo ficou melhor depois que conheci Kate.

DURANTE A recuperação, faço algo constrangedor para um homem na casa dos 20 anos admitir: toco a tri-lha sonora do musical *Eles e elas*, dos anos 50. Na trama, Nathan Detroit é

um oportunista que organiza jogos de dados. O ambicioso Sky Masterson quer entrar no negócio, mas acaba se apaixonando – entre tantas pessoas – por uma missionária. Detroit, inspirado, concorda em se casar com a noiva, depois de 14 anos de compromisso. O fim é impulsivo, improvável e profundamente feliz.

Existe uma razão para o musical ter me cativado tanto nesse momento. Eu tinha começado a acreditar que a enorme influência da sorte sobre nossa vida é motivo de desespero. No entanto, nessa história, há jogadores felizes. O que eles sabem sobre o acaso que eu não sei? “A vida é um grande jogo de dados”, diz Masterson no fim da peça. Ele desistiu de jogar por causa de Deus, mas não o Deus tradicional de bondade e perdão. O Deus em que ele crê é o que joga dados para determinar nosso destino. Masterson o louva porque sabe que o acaso é uma bênção. É nossa única esperança de transcendência, colocando-nos diante de possibilidades que não somos capazes de imaginar.

QUASE DOIS MESES após a cirurgia, estou com Kate na casa de seus pais, em Cape Cod. Uma noite, vamos dar uma volta na praia. A areia está repleta de conchas de mariscos e pedaços

de cascas de caranguejos. As luzes de alguns barcos brilham no horizonte.

Antes do AVC, eu estava convencido de que o casamento não era assunto para mim. Mas, depois de ter quase morrido, vejo que o casamento é algo extraordinário: duas pessoas, juntas, jogam os dados várias e várias vezes, assustadas e entusiasmadas por não poderem controlar o resultado.

Fico de joelhos e pergunto:

– Kate, quer se casar comigo?

Pausa. Tudo fica em suspenso. Nenhuma resposta ainda.

Então ela diz:

– Você está brincando?

– Não, não estou brincando. – Levanto-me, seguro-a pelos ombros e olho em seus olhos. – Eu quero mesmo me casar com você.

Pulamos de alegria e nos beijamos. Estamos juntos nisso.

HOJE MORO em Filadélfia, gozo de perfeita saúde e acabo de celebrar meu segundo aniversário de casamento. Kate e eu temos um filho, Isaac, e este é um momento especialmente feliz para mim.

Ainda acredito que a sorte seja a única explicação para o que acontece na vida. Só que agora sei que isso não precisa ser motivo de desespero. Também é de comemoração.

## AMULETO DE FERTILIDADE

Anúncio publicado no jornal dos empregados da Union Carbide de Texas City, Texas: “Saco de dormir duplo – usado apenas uma vez. Troco por berço.”

JAMES C. JONES, EUA